



VIDAS PASSADAS

por Yvonne do Amaral Pereira



Minha primeira infância destacou-se pelo traço de infortúnio, que foi certamente a consequência da má atuação do meu livre arbítrio em - existências passadas. E uma das razões de tal infortúnio foi a lembrança, muito significativa, que em mim permanecia, da última existência que tivera. Desde os três anos de idade, segundo informações de minha mãe e de minha avó paterna, pois com esta vivi grande parte da infância, neguei-me a reconhecer em meus parentes, e principalmente em meu pai, aqueles a quem eu deveria amar com desprendimento e ternura. Sentia que o meu círculo de afinidades afetivas não era aquele em que eu agora vivia, pois lembrava-me do meu pai, da passada existências terrena, a quem muito amava, pedindo insistentemente, até muito tempo mais tarde, para que me levassem de volta para a casa dele. Tratava-se do Espírito Charles, a quem eu via frequentemente em nossa casa, conforme explicações do capítulo anterior. Eu o descrevia com minúcias para quem me quisesse ouvir, mas fazia-o por entre lágrimas, qual a criança perdida entre estranhos, sentido, dos três aos nove anos de idade, uma saudade torturante desse pai, saudade que, nos dias presentes, se não mais me torturando, também ainda se não extinguiu do meu coração. Se as suas aparições eram freqüentes, eu me sentia amparada e mais ou menos serena, pois ele me falava, conversávamos, embora jamais eu me recordasse do que tratavam as nossas conversações, tal como acontecia com a outra entidade, Roberto.

Mas, se as aparições escasseavam, advinha amargor insuportável para mim, fato que tornou a minha infância um problema tanto para mim como para os meus.

Até aos nove anos de idade não me lembro de que concordasse, de boamente, em pedir a benção a meu pai, o da atual existência. Negava-me a fazê-lo porque – afirmava, convicta e veemente – “Esse não é o meu pai!” E entrava a explicar a minha mãe, que tentava contornar a situação, a ele próprio e à minha avó paterna, que foi anjo bom da minha infância, como era a personagem que dominava as minhas recordações.

Detalhes singulares viviam em meus pensamentos por essa época:



Desde os três anos de idade carrego comigo a lembrança , muito significativa, da última existência

Referindo-me à “casa de meu pai”, eu descrevia um saguão que me era muito familiar, de tijolos de cerâmica, coloniais, onde a “minha caruagem” entrava para eu subir ou descer. Havia aí uma escada interna por onde eu subia para os andares superiores – narrava eu, desfeita em prantos, descrevendo a casa a fim de que me levassem novamente para lá – e o corrimão da mesma, com o balcão lavrado em obra de talha, pintado de branco e com frisos dourados, mostrava o motivo de uma corsa perseguida por um cão e pelo caçador em atitude de atirar com a espingarda. O caça-

dor – mais tarde eu o compreendi – era tipo holandês do século XVII. No entanto, jamais me referia a minha mãe de então, isto é, da existência passada, o que leva à suposição de que eu teria sido mais afim com o pai, visto que foi o sentimento consagrado a ele que venceu o tempo, dominando até mesmo a dificuldade de uma reencarnação. Mas, se jamais me referia a minha mãe de outrora, lembrava-me muito bem dos vestuários que provavelmente foram por mim usados, e graças a tal particularidade mais tarde foi possível levantar a época em que se teria verificado a ▶

minha última existência terrestre: Época de Allan Kardec, de Vítor Hugo, de Frederico Chopin, ou seja, mais ou menos de 1830 a 1870 (reinado de Luís Filipe e Império de Napoleão III, na França).

À hora do banho, à tarde, frequentemente eu exigia de minha avó certo vestido de rendas negras com grandes babados e forros de seda vermelha, "muito armado" e amplo, inexistente em nossa casa, e que eu jamais vira. Pedia as mitenes (eu dizia "luvas sem de-

dos", coisa que jamais vira); pedia a mantilha (xale) e a carruagem para o passeio, porque "o meu pai esperava para sairmos juntos". Admirava-me muito de não encontrar nada disso, assim como também os quadros que viviam em minhas lembranças, quadros de grandes proporções, os quais eu procurava pela casa toda a fim de revê-los, sem, todavia, encontra-los, e que, certamente, seriam coleções de arte ou pinacotecas dos antepassados da família da última existência. Repa-

rava então, decepcionada, as paredes, muito pobres, da casa de minha avó ou da se meus pais, e, súbitamente, não sei que horrorosas crises advinham para me alucinar, durante as quais verdadeiros ataques de nervos, ou o quer que fosse, e descontroles sentimentais indescritíveis, uma saudade elevada a grau super-humano, me levavam quase à loucura. Passava dias e noites em choro e excitações, que perturbavam toda a família, e o motivo era sempre o mesmo: o desejo de regressar à "casa de meu pai", de onde me sentia banida, a saudade angustiada que sentia dele e de tudo o mais de que me reconhecia separada. Em tais condições, não podia folgar com as outras crianças e jamais sentir prazer num divertimento infantil. Em verdade não encontrei jamais, desde a infância, satisfação e alegria em parte alguma. Fui, portando, uma criança esquivada, sombria, excessivamente séria, criança sem risos nem peraltices, atormentada de saudades e angústias, imagem, na Terra, daqueles réprobos do suicídio descritos nos livros especificados. O lenitivo para tão anormal situação apenas advinha dos trabalhos escolares, pois muito cedo comecei a freqüentar a escola, e do amor com que me assistia minha avó paterna, já mencionada, a qual, não obstante os seus pendores materialistas, me ensinou a orar muito cedo, suplicando a proteção de Maria Santíssima.

Certo dia, aos sete anos de idade, lembro-me ainda de que, ao me tentarem obrigar a pedir a benção a meu pai, recusei e expliquei, veementemente:

Lembrava-me muito bem dos vestuários que provavelmente foram por mim usados



— “Esse não é o meu pai! O meu usa um paletó muito comprido (sobrecasaca ou coisa semelhante), com uma capinha dos lados (trajes masculinos do tempo de Luís Felipe I, da França); um chapéu muito alto e cabelos “meio brancos” (grisalhos) e mais compridos. E usava bigodes grandes. Ele é “um pouco velho”... não é moço como “esse aí, não!...”

Tal franqueza, que para mim representava uma grande dor, para os demais nada mais seria do que petulância e desrespeito. Valeu-me, nesse dia, boa dose de chineladas ministradas por meu pai, o que muito me surpreendeu e fez que me considerasse mártir, pois fui castigada desconhecendo o motivo por que o era, visto que, sinceramente, o pai por mim reconhecido era o Espírito que frequentemente eu via e do qual me lembrava com inconsolável saudade. Na verdade, eu necessitava mais de tratamento físico, com vistas ao sistema nervoso e psíquico, visando ao suprimento de fluidos balsamizantes, para o traumatismo sediado no perispírito, do que de repreensões e castigos corporais, cujas razões eu não compreendia. O castigo de que, realmente, eu necessitava ali estava, na tortura de conservar a lembrança de um pai amado de uma passada existência, quando ali estava o pai do presente requerendo igual sentimento e respeito idêntico, mas apenas temido e não propriamente amado, e no qual sempre deparei a severidade, útil e muito necessária à minha situação atual.

No entanto, bastaria uma série de passes bem aplicados, frequência às reuniões de estudo evangélico

em num Centro Espírita bem orientado e preces, para que tão anormal situação declinasse. Se, como é evidente, o fato de recordar existências passadas é, antes de mais nada, uma faculdade, aquele tratamento tê-la-ia adormecido em mim, desaparecendo as incomodativas explosões da subconsciência, ou talvez fosse mesmo

necessária, ao meu reajustamento moral-espiritual, a conservação das ditas lembranças, e por isso elas foram conservadas. Mas o caso é que, posteriormente, eu mesma, depois de bem norteadas as minhas faculdades supranormais, tratei, com meus Guias Espirituais, de algumas crianças assim anormalizadas, conseguindo resolver terríveis impasses ▶

Narrava eu, desfeita em prantos, descrevendo a casa a fim de que me levassem novamente para lá





Sob o seu influxo, eu escrevia febrilmente, sem nada pensar, apenas sentindo o braço impulsionado

de natureza semelhante. Mas apesar de meu pai se ter convertido à crença espírita antes mesmo do meu nascimento, e certamente porque ao meu espírito seria necessário que tais lembranças não fossem banidas da minha consciência, esse tratamento não foi tentado e eu tive de vencer a primeira infância rudemente torturada por uma situa-

ção inteiramente anormal, dolorosa. Mais tarde, atingindo os nove anos de idade, é que esse tratamento naturalmente se impôs e, com os tradicionais passes, terapêutica celeste que balsamizou minhas amarguras de então, sobrevieram tréguas e consegui mais serenidade para a continuação da existência.

Entretanto, outra entidade

igualmente dominava as minhas recordações durante a infância. Tratava-se do Espírito a quem eu denominava Roberto, conforme explicações do capítulo anterior. Eu não o poderia, efetivamente, esquecer, uma vez que sua presença em nossa casa era constante, durante toda a minha infância e grande parte da juventude. Tal acontecimento aviventava estranhas impressões em meu ser, e, se demorava a revê-lo, saudades muito vivas me punham o coração. Não raro perguntava por ele à minha avó, pedindo-lhe que o mandasse chamar. Mas um sentimento indefinível se entrecrocava em minha alma a respeito desse Espírito, que eu sabia ser amigo e me amar com veemência. Eu o julgava então um parente muito próximo, ao qual me sentia ligada e cuja companhia me era habitual. Grande e afetuosa atração me impelia para ele. Não obstante, detinha-me certo temor quando o via e por algumas vezes me assustei com sua presença, temi-o, e, em gritos de pavor, procurava socorro nos braços de minha avó. Mais tarde ele próprio corrigiu tais distúrbios de minha mente, afirmando que esse terror nada mais era reflexo consciencial do remorso pelo desliza praticado contra ele em passada existência, mas que tal acontecimento se perdera no abismo do pretérito, que eu agora já não seria capaz de assim proceder e por isso não assistiam razões para tanto me amesquinhar em sua presença. Que, além do mais, desde muito ele me favorecera com o perdão sinceramente extraído do coração, e eu, arrependida, reencarnara decidida a reparar o erro do passado a des-